

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

REDACÇÃO PRINCIPAL—ALEXANDRE VIEIRA

propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—CARLOS MARIA COELHO

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III—Número 883

Sabado, 8 de Outubro de 1921

PREÇO 5 CENTAVOS

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Cambro, 38-A, 2.º

Lisboa—PORTUGAL

Endereço telegraphico: Talha-Lisboa—Telefone 5339

Officina de Impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

O pão de tipo único, decretado por toda a próxima semana, custará seis tostões o quilo.

O sr. Ielo Portela pediu a demissão do cargo de governador civil.

A Cadeia do Limoeiro Vai ser estabelecido o tipo único

Assim o declara a A BATALHA o sr. Aboim Inglês, ministro da Agricultura

Publicou ontem A Batalha uma carta de Guilherme de Castro, onde se relata o regime prisional infame que se adota na Cadeia do Limoeiro para com os presos.

Não é a primeira vez que os protestos dos enclausurados daquela Bastilha, que a Revolução Emancipadora deverá abater, se fazem ouvir pelo nosso público, excepto, é claro, por aquelas entidades que deviam escutar sempre com atenção estes clamores.

Ninguém ignora, pois, que a Cadeia do Limoeiro não é habitável. Os que lá estão e os que por lá tem passado, ficarão por toda a vida com uma impressão dolorosa gravada na sua mente.

Relatava-nos o camarada que nos escreveu que um tal «Correia Baixo» tratava a sua companheira desrespeitosamente, daquela mesma maneira que ele costuma tratar os presos. Conta-nos ainda o nosso correspondente que no Limoeiro não se observa a menor medida de higiene.

Não basta, pois, encontrar-se uma pessoa injustamente presa — porque no nosso pensar todas as prisões são injustas — como ainda, por cima, se é vexado por qualquer animal a quem vestem uma farda ou dão o título de autoridade.

Diz a burguesia, com muita piada, (a burguesia sempre tem coisas...) que as prisões se erguem para regenerar os que preyariam. E, caso também com muita graça, dolorosa graça, na maioria das vezes encerra nas prisões exactamente aqueles indivíduos generosos que pretendem regenerar a humanidade.

A parte mais dória de carteristas inconscientes — inconsciência que a burguesia, com os seus intuitos regeneradores, favorece, com a proposição falta de escolas, com o regime de propriedade privada, etc., etc., — aparte essa meia dúzia de inconscientes, grande parte dos presos do Limoeiro é constituída por indivíduos cujo crime é possuir ideias avançadas.

Sempre no generoso intuito de formar boas almas e homens úteis à sociedade, a república da Igualdade e da Fraternidade e da Liberdade — dentro das prisões — mantem no Limoeiro uma atmosfera que corrompe as almas e tam falta de higiene que define os corpos.

Quantas vezes aqui nos temos referido à maneira anti-higiénica como está montada a enfermaria, onde não há medicamentos e onde as seringas são de latão!

A república que se comemorou há dias, a república magra e esfilada como uma rameira obseca, que está sempre de pernas abertas para receber todos os politiquinhos reles que pretendem gozalla, essa república prostituida, que os Pedros de Araújo vendem ao viandante que passa por qualquer cincoenta milhões, entende que um preso, pelo facto de estar preso, deixa de pertencer à espécie humana.

Nós não protestamos, revoltamo-nos. Não protestamos porque os protestos tem já sido tantos que convencidos estamos de que os governantes, os directores de cadeias e outros protectores do povo, entregues ao entusiasmo delirante que o sifno sente ao chafurdar na lama, não podem de forma alguma ouvir a voz da razão.

Não protestamos porque entendemos que não devia haver prisões, nem melhores nem piores. Condenamos o regime prisional como factor da corrupção dos povos e estamos no nosso papel revolucionário. Quando a ocasião se proporcionar — e venha ela — este mesmo que vai traçando, indignado, estas linhas indignadas, há de fazer todo o possível por obter o petróleo que aquela podridão a que chamam Limoeiro, merece.

Agora, esses homens superiores, que tomaram à sua conta os destinos do povo e, não as praticando, pregam a virtude e a ordem — esses homens tinham obrigação, pelo menos, de fazer do Limoeiro e de todas as cadeias um lugar habitável, a que todo o mortal em direito.

Uma absolvição

Realizou-se ontem, com a presença do advogado do Conselho Jurídico da C. G. T., dr. Sobral de Campos, o julgamento de Edmund Augusto Mário, operário da Construção Civil que fora preso no dia 1.º de Maio, na Avenida da Liberdade, sob a acusação falsa de desrespeito à autoridade. As testemunhas de acusação nada provaram, sendo o acusado absolvido, depois de ouvida a defesa do advogado.

A este não tiveram por onde pegar-lhe.

— O telegrama enviado pelo sr. António Granjo a este jornal anunciando o tipo único de pão, alvorçando os nossos leitores, necessitava de ser confirmado. Foi isso que nos empurrou para o ministério da agricultura. Subimos rapidamente as escadarias de pedra suja, chegámos quasi extenuados a um contínuo e perguntámos-lhe:

— O sr. ministro da agricultura, está?

— O contínuo respondeu-nos descanadamente: — Está. Mas não sei se o pode receber.

— Anuncie-lhe que um redactor de A Batalha lhe deseja falar.

— O contínuo partiu e nós ficámos esperando e formulando a seguinte pergunta:

— Receber-nos-á?

— O contínuo veio dizer-nos que sim, e fez-nos entrar para uma sala, cujo mobiliário se compunha de numerosas estantes, plenas de livros, numerosas cadeiras e uma mesa enorme, repleta de pastas e com dois tinteiros.

Sentámo-nos e puxámos dum cigarro.

Acabava ele de arder, quando a mão ministerial afastou o reposteiro e o sr. Aboim Inglês entrou na sala. O ministro, com um sorriso amável, nada ministerial, avançou para o jornalista operário, apertou-lhe a mão, fê-lo sentar.

O sr. Aboim Inglês congratulou-se com a nossa presença, afirmou estar sempre disposto a receber-nos, lamentou não poder dispor de muito tempo, porque uma comissão esperava-o. Depois, nada mais disse, olhando-nos serenamente.

Percebemos que tínhamos de começar.

Falámos mansamente.

— Sr. ministro, A Batalha recebeu um telegrama do sr. presidente do ministério, afirmando a disposição em que o governo se collocava de estabelecer, num prazo curto, o tipo único de pão.

— Vinhamos.

— O ministro interrompeu-nos: — Venham perguntar quando elle será estabelecido e qual será o seu preço e talvez a sua qualidade. Não é assim.

— Exactamente.

O sr. Aboim Inglês confessa que se enganou, ao decretar os três tipos de pão.

— Tenho um prazer infinito em o elucidar. O operariado, o grande número de consumidores que leem A Batalha terão a sua legítima curiosidade satisfeita. Não sairá daqui, sem lhe dar uma resposta concreta.

— Mas, não acharia interessante contar-lhe o que se passou em volta do decreto dos três tipos de pão, que tanta animosidade levantou?

— Concordámos. O ministro começou explicando-se: — O decreto que estabelecia os três tipos era provisório. Esse regime que o decreto estabelecia era de transição. Era... era... era... O ministro procurava o termo próprio.

— Uma ponte de passagem.

— Para o tipo único de pão — concluiu o sr. Aboim Inglês, rapidamente.

— E qual foi o facto que o determinou a modificar a sua opinião?

— O ministro volven-nos com tristeza.

— Enganei-me a mim próprio. Supuz que o pão de terceira acudisse aos indigentes, servisse os que tem poucas posses. Mas repito-o — enganei-me. O pão de terceira foi mal fabricado, na maioria das padarias. Era um pão mau, um pão infernal, verdadeiramente intragável. Entre os próprios indigentes, não faltou quem o abandonasse. Não houve bichas, a não ser numa das padarias, onde ele era melhor.

— Cheguei a receber cartas com punhais de desenhos, fazendo-me ameaças temíveis, bombásticas. Mas não fiz caso nem é por esse facto que eu vou decretar o tipo único de pão.

— Mas, no entanto, vou-lhe dizendo que se tem feito, em volta do pão, uma especulaçãozinha. A superestúpido do pão barato, tem feito com que muita gente bem intencionada

funcionando livremente em Toulon, foi encerrada a sessão, ficando em suspensão a discussão sobre a dissolução dos C.

Ver na 3.ª página o nosso folhetim

A revolta da carne

Rebeldias

Atribue-se a Máximo Gorki o ter predito, a um jornalista que o entrevistou, o desaparecimento do comunismo da Rússia, fundamentando esse seu augúrio neste facto simples: a grande massa constituída pelos camponeses, é uma barreira que se opõe a todo o progresso.

— Confirma isto a necessidade, que sempre tenho pregado e não me cansarei de proclamar, de lutar, sem tréguas nem desfalecimentos, contra o deplorável estado de ignorância do povo. Para realizar um movimento insurreccional, uma revolta, é suficiente sentir a injustiça e possuir um temperamento rebelde. Mas isso não basta para organizar uma sociedade nova. Destruição é já, construir, é mais difícil. Para estabelecer uma sociedade livre e igualitária não basta querer, é indispensável saber como organizá-la.

Essa obra urgente de cultura popular não a podemos esperar do Estado. Há-de ser nossa própria obra. O que mais temem as classes dominadoras é que o povo trabalhador, por essas classes despojadas dos seus direitos, se instrua. O ideal de todos os deserdados seria que todos os deserdados fossem analfabetos, completamente ignorantes, porque assim desapareceria o perigo de que chegassem a penetrar no porquê das injustiças de que são vítimas e de que, com a compreensão, vissem o desejo de acabar para sempre com elas.

Por isso a emancipação intelectual dos trabalhadores, há-de ser também obra dos próprios trabalhadores.

Pinto QUARTIN

Não inutilizéis A BATALHA. Envia-a aos vossos amigos, parentes ou conhecidos.

Podereis fazer, talvez, mil

comité de acção sindicalista maioritária, tantos

em mangas de camisa

O Lelo voou

Há muito tempo que o menino governador civil aviador não dava um vôo. Aterrou no governo civil e por lá se conservou tempo infinito. Aterrizou os serviços com um li-re, que a final era um grande negócio para a policia, e parecia encontrar-se na disposição de nunca mais abandonar tam gostoso lugar. Ontem o Lelo comprehend finalmente que o seu lugar não era na Rua Capelo. Os serviços alegraram-se. Lelo, minado de saudades do azul do céu, levantou vôo do governo civil. Onde irá ele aterrar agora?

Os fósforos

Os fósforos não tem cabeça; são feitos à imagem e semelhança dos nossos governantes. Os fósforos não acendem, não dão luz; são uma imitação perfeita dos candieiros da Companhia do Gaz. Os fósforos estão caros; pretendem competir com o bacalhau. E o operário Gabriel Machado entende, e entende muito bem, que devia substituí-los por uma acendalha tão flamejante. Mas há um monopólio e o monopólio manda que todo o cidadão português use fósforos caros e sem cabeça. Um fiscal qualquer fazê-lo a presa e, zist! multou Gabriel, dando forma original: levou-o a uma mercearia e disse para o comerciante:

— Olhe que eu passo a este senhor um recibo provando em que o multo em \$320.

Escreveu num papelinho a importância da multa e raspou-se com o dinheirão e com a acendalha — o patife.

Bate certo

A Companhia Carris — lá volta ela à balla — acabou com as assinaturas, porque entendeu que a viação eléctrica não se inventou para servir o público, mas antes para dar a ganhar muito dinheiro aos directores. A Companhia Carris pregou aos assinantes habituais, que tem paciência e não protestam, uma partida com os seus visos de immoralidade. Ora, os lesados podiam pedir a intervenção da força para obrigar a Companhia a cumprir o seu dever. Mas pediu a Companhia ao governo a guarda republicana para proteger a sua cadeia a boa Carris. Fomeceu, por que o exército foi feito para defender os ladrões das revoltas populares. Bate certo.

LER A MANHÃ

A Questão do Próximo Oriente

As seculares preocupações da politica britânica

Artigo de A. HAMON

Na Espanha

Guilherme Sheehan, figura proeminente do movimento operário dos Estados Unidos, voltou ao seu país depois dum passeio de oito meses pela Europa e Asia.

Segundo elle, a Espanha está em vespas da revolução. O governo não se atreve a enviar um exercito bastante forte para Marrocos, porque tem depressa partisse as tropas, rebenitaria a revolução na Catalunha.

A Humanidade em Marcha

A RAÇA NEGRA QUER EMANCIPAR-SE

Os amigos de Diagne, que são uns amigos dos diabos, pretendem

entravar o progresso humano — Negros de todo o mundo, uni-vos!

Continuaram em Paris, nos dias 4 e 5 de Setembro, as reuniões do Congresso Pan-Africano que, como já vimos, tiveram em Bruxelas um encerramento tumultuário.

Foi na Rua Branca, na sede da Associação dos Engenheiros Civis Franceses, que, pelas dez horas e meia da manhã do dia 4, começaram os trabalhos.

Muitos dos congressistas americanos que tomaram parte nas Assembléas Pan-Africanas de Londres e de Bruxelas desistiram de comparecer nas de Paris.

Não lhes agradou a maneira arbitrária e tirânica como Mr. Blaise Diagne orientou os trabalhos do Congresso no Palais Mondial e, por isso, assumindo tal attitude apenas tiveram em vista manifestar a sua completa discordância com os processos «diagnísticos».

Em compensação outros elementos partidários de Mr. Diagne, que até aqui não tinham podido comparecer, vieram reforçar os grupos adversários de Mr. Du Bois.

Nem por isso, porém, os factos ocorridos nas reuniões de Paris, como já tinha sucedido nas de Bruxelas e de Londres, são favoráveis aos inconfessáveis desígnios do antigo representante do burguesismo republicano francês na Africa Equatorial e Occidental francesas, Mr. Diagne.

Diagne, com falinhas mansas, pretende desvirtuar os ideais que presidem à acção dos afro-americanos.

Errei quasi onze e um quarto, quando Mr. Blaise Diagne, depois de lido o expediente, começou a falar:

«Eis nas sessões de Paris — diz elle — que reside a definitiva afirmação da nossa acção».

«E aqui que vamos pronunciar a última palavra».

E não admira — acrescenta — porque aqui, em França, todas as liberdades, podem afirmar-se, por isso que, entre nós, não são palavras, mas factos.

«Que ninguém tenha ilusões: nem vaidades pessoais, nem ambições sectaristas, saíram triunfantes destas assembléas».

«E certo que não pretendemos que ninguém abdique das suas opiniões».

«Mas não podemos deixar de considerar ridiculas as opiniões dos que sustentam a possibilidade da raça negra se bastar a si própria, de ser por si só susceptível de civilização, convencidos de que ella, no estado actual das coisas, pode prescindir até da protecção tutelar dos estados coloniais e dos povos cultos».

O CASO DO DIA

A questão dos passes

A G. N. R. ao serviço da Carris

Em Lisboa, esperavam-se ontem grandes acontecimentos pela supressão das assinaturas nos carros eléctricos e foi este o caso do dia que, de resto, estava previsto há muito tempo.

Em consequência andaram os carros constantemente guardados por soldados da G. N. R., com as respectivas carabinas, não fossem os assinantes provocar conflitos e alterar a ordem pública na cidade o que, felizmente, não sucedeu e não podia succeder, porque o povo português e especialmente o da capital tem capacidade de paciência e de estômago para tudo isto e para muito mais, como os factos o tem demonstrado a sociedade.

Pela parte que nos diz respeito a supressão ou a existência das assinaturas não tem, para nós, o menor interesse material e apenas nos merece o reparo que todas as injustiças, e violências sempre nos merecem.

Segundo o contrato ainda em vigor, a Companhia dos Eléctricos com a Câmara Municipal, a mesma Companhia é obrigada a fornecer bilhetes de assinatura para o trânsito nos seus carros.

Convenha que não convenha essa cláusula do contrato à Companhia dos eléctricos, o certo é que esta não pode deixar de cumprila pois que o dito contrato tem força de lei à face do Código Commercial.

Desde que arbitrar e ilegalmente a Companhia deixou de cumprir essa cláusula, a Câmara Municipal tinha o dever de obrigar aquella a fornecer os bilhetes de assinatura a quem desiasse tomá-los, impedindo ou fazendo impedir imediatamente a circulação dos carros até que a Companhia concedesse as referidas assinaturas, independentemente do procedimento judicial correspondente pela sua falta de observância do contrato na parte sugeita.

Aconteceu, porém, e contra o que era muito esperar, que a Câmara fez vista grossa sobre o caso deixando a Companhia levar a água ao seu moinho, sancionando com o seu silêncio, de facto muito cómodo, a falta de cumprimento do contrato por parte daquela, no caso das assinaturas.

A Carris procura abafar com a violência os justos protestos dos assinantes

Se o procedimento da Companhia e da câmara municipal merecem censura, não é menos censurável que a G. N. R. tenha sido collocada ao serviço da Companhia para reprimir os justos protestos dos assinantes, caso tais protestos se produzissem.

E assim anda tudo neste país, não havendo mais nada a esperar a não ser a repetição de violências sobre violências, de maneira que os cidadãos, tendo muito embora razão e motivos de sobra para protestar, não só não podem faz-lo como ainda por cima levam pancada e são presos, quando não vão para a morgue.

A intervenção da G. N. R. no caso das assinaturas foi ouro sobre azul e calu como sopra no mel para os interesses da Companhia, senhora e dona

de tudo isto, como todas as empresas e companhias suas congéneres, que são elas que todo lo mandam, assim como é para protegê-las e defendê-las que existem a G. N. R. e as diversas instituições policiaes que ali temos e que nos custam rios de dinheiro para abafarem os nossos protestos e as nossas reclamações de justiça, o que seria para admirar se assim não fosse.

Mas, enfim, não foi alterada a ordem pública, se bem que a lei, o direito e a justiça mais uma vez fossem sufocados e espinhados pela tropa ao serviço do poderoso sindicato de Santo Amaro.

«A Câmara Municipal de Lisboa deve reunir-se hoje, pelas 21 horas, a fim de se occupar da questão dos eléctricos e assentar na convocação da sessão pública, que talvez se realize na segunda ou terça-feira, para tratar do assunto».

Dois são as correntes predominantes da vercação, entendendo uns que se deve dar por nulo o accordo em que a Companhia se prontificava a dar os passes semestrais por 3 anos, deixando assim de vigorar as actuaes tarifas e passando a existir as anteriores, e sendo outros de opinião que se deve levar a questão para os tribunais e usar para com a Companhia de medidas energicas.

O momento internacional

NA RUSSIA

Um putro protesto do explorador Nansen

Nansen, que perante o egoismo da burguesia mundial se fez o defensor eloquente e vibrante dos sofrimentos de vinte milhões de seres humanos, acaba de fazer as seguintes declarações:

«Devo repetir que existe na Europa uma central de mentiras, cujo fim é fazer fracassar a obra de socorro aos russos, com o receio de que, impedindo milhões de irmãos nossos de morrerem de fome, possam reforçar o regime bolchevista».

NO JAPÃO

O proletariado desperta

Realizou-se recentemente na cidade industrial de Osaka uma grande sessão de propaganda associativa, à qual assistiram cerca de duas mil pessoas.

Foram exhibidas filmas cinematográficos sobre os últimos acontecimentos de Kobe, onde os operários tomaram posse das docas, e a assembléa entusiasticamente entoou o «Canto da Revolução» hino revolucionário japonês.

Os comunicados ingleses falam numa repressão terrível.

O Indian Office confessa que a resistência energica oferecida pelos rebeldes moplaks é devida sobretudo às violências e represalias terríveis que tem sido praticadas pelas autoridades inglesas.

Os moplaks adoptaram agora a tática das guerrilhas, evitando as batalhas campais, o que torna mais difficil a acção das tropas inglesas.

E' assinalando a civilização branca, os seus métodos de acção que os negros poderão, *pari passu*, conquistar realgalas».

O traídor Diagne, combatendo a táctica revolucionária americana, prega a resignação, para os outros...

E referindo-se aos americanos negros diz: «Na América há os que se enganam a este respeito e julgam que a sua orientação, os seus processos de luta vale mais que as ideias de resignação conciliatória que preconisamos».

Termina a sua oração Mr. Diagne procurando refutar a máxima de «Africa para os africanos».

«Esta máxima não pode convir senão às pessoas que po-nham o seu orgulho ao serviço de doutrinas impossiveis».

O sr. Magalhães Camacho é de opinião de que a raça negra assimile a «bela» civilização europeia

Mr. Dantès Belgarde, ministro plenipotenciário do Haiti em França, é quem segue no uso da palavra, começando por recordar que Haiti se bateu contra a França em defesa das suas liberdades oprimidas.

«O primeiro objectivo do organismo de carácter permanente centro — é a criação dum organismo da raça negra».

Depois de Mr. Aubert é Mr. Cratien Candace, dilecto amigo de Mr. Diagne, quem fala definindo a sua orientação nestas palavras:

«Não devemos desligar-nos dos brancos; os ramos que se separam de uma árvore secam e morrem; fiquemos, pois, para podermos viver, ligados à árvore desta civilização».

Em seguida é Mr. Judhava, representante das raças indias, quem também afirma que o movimento negro só pode triunfar pela sua subordinação aos principios dominantes da civilização europeia.

Segue-se o sr. Magalhães Camacho cujo programa se resume nestas insignificantes palavras: «é necessário que as raças de cor assimilem (como elle) os métodos das raças europeas».

